

Faça-se luz! Let there be light! Que la lumière soit! Es werde Licht! – Fraseologismos com ‘luz’ em português e línguas estrangeiras

Cecília Falcão, Nazaré Cardoso**, Cláudia Martins****

1. Introdução

A UNESCO proclamou o ano de 2015 como o Ano Internacional da Luz. Esta temática serviu-nos de mote para desenvolver um projeto piloto que se centrou na seleção de unidades fraseológicas portuguesas contendo a palavra ‘luz’. Estas unidades compõem o nosso *corpus* de trabalho, o qual se encontra não só em português, mas também nas línguas alemã, francesa e inglesa.

No presente trabalho, adotamos a abordagem de Navarro (2007) na designação das unidades em estudo – as unidades fraseológicas ou fraseologismos são:

las combinaciones léxicas que se caracterizan por la fijación interna y unidad de significado, es decir, que presentan estabilidad semántico-sintáctica, equivalen al lexema simple o al sintagma, pueden pertenecer a varios tipos categoriales y cumplen diversas funciones sintácticas [...]. Son combinaciones especializadas en expresar contenidos de gran complejidad a pesar de su brevedad y simplicidad para lo cual las unidades monolexémicas están, en cierto modo, incapacitadas, razón por la que constituyen un recurso léxico de uso frecuente (Navarro 2007).

Na nossa abordagem dos fraseologismos, torna-se essencial explorar as questões da linguagem figurativa (*versus* linguagem literal) e o *continuum* de idiomatidade e fixidez que compreende desde as colocações aos idiomatismos mais opacos. É fundamental ainda discutir as implicações metafóricas nestas expressões, assim como a força imagética que nelas se concentra, tornando-as mecanismos simultaneamente de simplificação linguística no quotidiano e de vulgarização científica no campo das línguas

* Agrupamento de Escolas Miguel Torga, Bragança.

** Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança.

*** Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança.

de especialidade (cf. metáforas terminológicas, de acordo com Kočourek 1991).

A motivação para este trabalho deriva da necessidade de integrar a reflexão sobre o fenómeno da idiomaticidade e o uso das unidades fraseológicas na nossa prática letiva. Enquanto professoras de línguas, trabalhamos os fraseologismos nas aulas de uma forma sistemática e com uma organização temática (onomasiológica) ou por palavra-chave. Simultaneamente, verificamos a escassez não só de recursos didáticos devidamente estruturados, mas também de reflexão linguística aplicada ao ensino da idiomaticidade em língua portuguesa.

Desta forma, operacionalizando uma metodologia de investigação-ação, pretendemos construir um produto didático que funcione como plataforma comum, potenciadora da motivação dos alunos e facilitadora da sua aprendizagem, e que contribua igualmente para uma abordagem interlinguística e interdisciplinar.

Neste sentido, o presente artigo divide-se em três partes: a primeira preocupa-se com a explicitação do contexto de desenvolvimento e futura aplicação deste projeto, assim como a motivação que o orienta. De seguida, no enquadramento teórico, pretendemos distinguir entre linguagem literal e figurativa, explorando a composicionalidade, a metaforicidade e a carga imagética, assim como caracterizar colocações e expressões idiomáticas de acordo com diversos autores.

Finalmente, aquando da apresentação do projeto piloto, abordaremos a metodologia de trabalho e a sua estrutura, com especial atenção à microestrutura, e refletiremos criticamente sobre alguns exemplos. Considerando esta experiência, retiramos também ilações no que se refere à organização do trabalho futuro.

2. Motivação e contexto

A motivação inicial para a realização deste projeto residiu na nossa prática letiva das línguas materna e estrangeira no ensino superior português. A Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança (ESE-IPB) oferece dois cursos de 1.º ciclo de estudos, a saber as licenciaturas em Línguas Estrangeiras: Inglês e Espanhol e em Línguas para Relações Internacionais. Esta última disponibiliza a aprendizagem de várias línguas estrangeiras: o inglês e o espanhol como obrigatórias e o francês, o alemão e o chinês como opcionais. A aprendizagem linguística abrange diferentes níveis de proficiência, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), do nível A1 ao C2. Apesar da aparente dispersão, existe um ponto comum na aprendizagem destas línguas estrangeiras – o facto de abordarem

tópicos coincidentes: pessoas, saúde, tecnologia, trabalho, justiça, desportos e passatempos, ambiente, entre outros.

Verifica-se, neste contexto, uma escassa presença de materiais didáticos que reflitam e incidam sobre estes fraseologismos (i.e. colocações, expressões idiomáticas e até provérbios) em língua portuguesa, com exceção de exercícios isolados em alguns manuais de língua e em livros de exercícios (e.g., Mendes Silva 1993). Devem ainda referir-se os recursos que existem em linha na página oficial do Instituto Camões (cf. Lextec – Léxico Técnico do Português; WordNet.PT – Rede Léxico-Conceptual das Variedades do Português; TemaNet – WordNets temáticas do português). Assim, surge como motivação adicional a quase inexistência de materiais que se dirijam à aprendizagem do fenómeno da idiomaticidade em português como língua materna ou estrangeira.

Neste sentido, verificamos ser necessário o desenvolvimento de recursos materiais didáticos tematicamente organizados de acordo com tópicos transversais às várias línguas lecionadas na ESE-IPB, bem como o estabelecimento de uma coerência interdisciplinar, ou seja, uma relação entre o ensino do léxico de cada uma das línguas estrangeiras e o da língua materna.

Desta forma, o projeto foi orientado por uma dupla preocupação: a fraseodidática e a fraseologia contrastiva. A primeira corresponde à didática da fraseologia, um ramo aplicado da fraseologia e da fraseografia, isto é, «una rama que permite a docentes y especialistas situar la didáctica de la fraseología en el centro de sus preocupaciones con el objetivo de que ocupe un lugar propio dentro de la fraseología» (González Rey 2012, p. 98).

Relativamente à fraseologia contrastiva, Navaro (2007) sustenta que esta disciplina, que integra a linguística contrastiva, só conheceu um desenvolvimento mais relevante nos anos 80 do século XX, incidindo na comparação de unidades fraseológicas entre diferentes línguas. No âmbito desta disciplina, Navaro (2007) identifica duas tendências que se baseiam na dicotomia saussuriana língua – fala. Por um lado, uma abordagem que se baseia num *corpus* das línguas em contraste, comparando os fraseologismos como unidades do sistema e não como unidades textuais situadas num determinado contexto comunicativo, visto que esta será a abordagem assumida pela tradutologia. Por outro lado, a tendência que contempla um tipo diverso de equivalências ao nível da fala, pertinentes também para a tradutologia e a didática das línguas, partilhando características com o tratamento da fraseografia e da lexicografia. Situamo-nos na confluência destas duas orientações, comparando fraseologismos para reproduzir o significado denotativo dos recursos de uma língua à outra.

O resultado final deste trabalho concretizar-se-á na criação de uma base de dados fraseográfica que incluirá, na primeira fase, o português como língua de entrada, seguido do alemão, francês e inglês e, mais tarde, do espanhol.

A fase seguinte ocupar-se-á da produção de uma bateria de exercícios de aplicação e reflexão contrastiva das unidades fraseológicas abordadas, disponíveis em múltiplos suportes.

3. Enquadramento teórico

O fenómeno da linguagem figurativa fornece uma abordagem às questões da compreensão linguística, sem que, no entanto, se possa identificar um conjunto de critérios que distingam claramente linguagem figurativa de linguagem literal. Honeck (in Hoffman e Honeck 1980, p. 25) defende que as fronteiras entre estes dois tipos de linguagem são pouco nítidas e definidas, apesar de haver algumas formas figurativas prototípicas, tais como as metáforas, as comparações e as expressões idiomáticas, por um lado; os provérbios, a metonímia, a sinédoque e o oxímoro, por outro.

Uma das características que possibilita a distinção entre linguagem literal e linguagem figurativa relaciona-se com o princípio da composicionalidade, segundo o qual as expressões resultam do somatório dos significados de cada uma das unidades que as constituem, sendo então o seu significado composicional (Hoffman e Honeck 1980, p. 8-9). Na mesma linha, Haegeman e Guéron (1999, p. 489-497) sustentam que o significado das frases, sintagmas ou locuções de uma língua é composicional, é determinado pelos seus constituintes e pela relação entre estes.

Contrariamente a esta característica típica da linguagem literal, Hoffman e Honeck (1980, p. 8-9) referem que a linguagem figurativa se particulariza pela impossibilidade de efetuar um processo composicional a partir dos sentidos das palavras que constituem as expressões, integrando-se nesta categoria não composicional os idiomatismos e os provérbios. Segundo Curse (2000, p. 74), os idiomatismos são não composicionais, porque os seus constituintes não são verdadeiros constituintes semânticos ou não possuem relevância para o significado total da expressão, o significado não pode ser inferido de forma cumulativa.

Hudson (1999, p. 259-260) acrescenta que as expressões idiomáticas constituem sintagmas resultantes de metáforas linguísticas, ou de outro tipo de extensão semântica. Partindo de uma abordagem semasiológica do fenómeno da polissemia, Dirven e Verspoor (2004, p. 31-34) afirmam que os sentidos dos lexemas se encontram ligados de uma forma sistemática através de diferentes processos cognitivos, que refletem uma rede de ligações internamente estruturadas. Neste sentido, os autores identificam quatro processos de extensão de sentidos: a metáfora, a metonímia, a especialização e a generalização.

A linguagem figurativa tem sido alvo de análise por parte de diferentes disciplinas, nomeadamente a Psicologia, a Filosofia e a Retórica, a

Linguística ou a Psicolinguística, dando origem a um conjunto diversificado de teorias relacionadas essencialmente com as metáforas ou com as metonímias. Honeck (in Hoffman e Honeck 1980, p. 28-29), refere, a título de exemplo, o Gestaltismo que apresentou a ideia de que a linguagem figurativa era tão natural e emergente que não podia resultar somente de processos associativos. No âmbito desta teoria, afirma-se que todas as formas de percepção diferenciada, inclusive as manifestações sofisticadas de linguagem figurativa, resultam de um estado sincrético orgânico, ou seja, de uma combinação de componentes afetivos, motores ou imaginativos. Esta transcendência das qualidades expressivas, que leva à percepção de semelhanças sem correspondência na construção do mundo físico, conduz ao desenvolvimento de comparações, metáforas e analogias.

A língua é um sistema orgânico e autónomo que separa e classifica as experiências de vida de um indivíduo, que cria a realidade à sua própria imagem. Este processo apresenta-se como uma transferência, visto que toda a linguagem, em virtude desta relação de substituição com a realidade, é necessariamente metafórica. Hawkes (1972, p. 59) afirma que a metáfora não constitui algo de especial ou excepcional no uso linguístico, nem um desvio da linguagem literal, mas antes uma função da linguagem, o modo como a linguagem funciona. A metáfora é «the omnipresent principle of language» (Richards *apud* Honeck in Hoffman e Honeck 1980, p. 31).

Na linha da linguística cognitiva, Lakoff e Johnson (1980, p. 3) sustentam que a metáfora tem sido tradicionalmente encarada como um instrumento de «poetic imagination» e «rhetorical flourish», sendo mais uma questão da linguagem figurativa do que da literal. No entanto, a metáfora, para além de ser uma questão de palavras, é acima de tudo uma questão de pensamento e ação, visto que intervém em todos os aspetos da vida, da linguagem, do pensamento e dos atos culturais. O nosso sistema conceptual, em função do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente de natureza metafórica. Além disso, a linguagem técnico-científica e os sistemas semióticos utilizados na ciência não dispensam os elementos figurados, de acordo com Kočourek (1991, p. 167).

Intimamente relacionada com a carga metafórica, surge a representação imagética. De acordo com Harris, Lahey Marsalek (in Hoffman Honeck 1980, p. 164), a imagem funciona como uma mnemónica eficaz para compreender e lembrar metáforas, porque estas se encontram mais próximas das representações da memória do que as representações meramente linguísticas. As imagens mentais estão frequentemente associadas às metáforas pela fusão de domínios semânticos que efetuam e podem constituir um recurso pertinente para a sua compreensão.

As considerações supra expostas assumem toda a pertinência para a abordagem das unidades fraseológicas, nomeadamente pela carga metafórica

e força imagética que concentram. Kövecses (2002, p. 193) encara-as como uma mescla que abrange metáforas, metonímias, pares e comparações idiomáticas, dizeres e provérbios, ‘multi-word verbs’, locuções gramaticais, entre outros. É tradicionalmente aceite que os idiomatismos consistem em duas ou mais palavras (i.e. são expressões multilexémicas), cujo sentido total não pode ser retirado do significado dos seus constituintes, isto é, possuem um significado não composicional.

Estas expressões de fixidez variável correspondem, para Iriarte Sanromán (2001, p. 25), a locuções memorizadas, expressões lexicalizadas ou combinações lexicais. Na mesma linha, Mel’čuk (1998, p. 25) sustenta que «PEOPLE SPEAK IN SET PHRASES – rather than in separate words; hence the importance of set phrases». Segundo Iriarte Sanromán (2001, p. 117), a coocorrência lexical equivale à capacidade de as unidades lexicais se combinarem em grupos que transmitem, num todo, um determinado significado e estabelecem uma relação de interdependência. A coocorrência pode ser livre ou restrita: se a combinação se realiza de acordo com as regras gramaticais da língua – combinações livres – ou se ocorre entre dois ou três lexemas conforme regras sintáticas e semânticas e algum tipo de restrição puramente lexical – combinações fixas.

Outra forma de distinguir as combinações fixas das livres é apresentada por Zgusta (1971, p. 142-151) por meio de um conjunto de critérios, a saber: a substituição surge como impossível, assim como, frequentemente, a adição de outros lexemas; o significado do todo não deriva do significado dos seus elementos; à expressão equivale um sinónimo ou parassinónimo constituído por um só lexema; expressões relacionadas com estatuto análogo e equivalentes noutras línguas estrangeiras podem ser encontradas; e apresentam propriedades formais e gramaticais especiais. Segundo Alonso Ramos (1993, p. 182), estas combinações surgem ainda como não composicionais e coerentes, resistindo à variação de forma e apresentando ambiguidade.

Quanto às colocações, Wierzbicka (1985, p. 57) caracteriza-as pela economia, elasticidade e capacidade de se adaptarem a novas situações e conceptualizações linguísticas. Heid (in Wright e Budin 2001, p. 788-89) expande esta abordagem, referindo um certo número de características comuns às colocações: elas envolvem dois lexemas, não incluindo artigos, determinantes ou preposições que possam ocorrer; os constituintes das colocações podem eles mesmos ser colocações; estas combinações podem ser categorizadas consoante diferentes classes gramaticais; e a sua estrutura encontra-se normalmente organizada em determinante e determinado. Para além destas características, menciona-se ainda o facto de serem sequências cristalizadas, fixas ou congeladas (e, por isso, institucionalizadas), não literais ou metafóricas, completas e auto suficientes, exocêntricas e sem motivação,

não composicionais e de extensão limitada, e de permitirem a criação de imagens mentais.

4. Projeto piloto

O ponto de partida deste projeto consistiu na procura de expressões portuguesas que contivessem a palavra ‘luz’, com base em dicionários de língua geral e de fraseologia, assim como recursos em linha fidedignos. Entre os primeiros, destacamos os dicionários de língua geral da Academia de Ciências de Lisboa (2001) e Houaiss (2004), a par das obras lexicográficas de Barata (1989), Machado (1996), Moreira dos Santos (2000), Neves (1992, 1998), Nogueira dos Santos (1990), Ramalho (1999) e Simões (1993). No que se refere aos recursos em linha, devem mencionar-se o CetemPúblico (i.e. *Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público – com 180 milhões de palavras em português europeu), dicionários da Porto Editora, especificamente a Infopedia, assim como os recursos já mencionados do Instituto Camões.

Seguidamente, tendo em consideração os fraseologismos contendo a palavra ‘luz’, procuraram-se os equivalentes em língua estrangeira, nomeadamente em alemão, em francês e em inglês (sendo o espanhol acrescentado mais tarde), utilizando igualmente obras lexicográficas das respetivas línguas. Neste processo, desenvolveu-se uma base de dados, cujas entradas foram preenchidas em português, como língua de partida, com os respetivos equivalentes em língua estrangeira. A microestrutura desta base de dados é constituída pelos seguintes campos: lema; expressão ou colocação; sinónimos/variantes; temática de lecionação; definição; contexto ou exemplo; fonte; notas; equivalentes em inglês, francês e alemão. A base encontra-se retomada nas outras três línguas estrangeiras, sendo entrada feita nessa língua e os campos acima mencionados igualmente preenchidos na respetiva língua estrangeira.

Este projeto piloto abrange um conjunto de 110 entradas, organizadas alfabeticamente, onde incluímos idiomatismos e colocações de língua geral e de línguas de especialidade. Foram igualmente identificados provérbios (e.g. *da discussão nasce a luz*), que serão alvo de tratamento separado numa fase posterior do trabalho. A lista inclui todos os sinónimos/variantes, verificando-se duplicação de algumas entradas – esta opção fundamentou-se na necessidade de dar maior visibilidade aos sinónimos/variantes em português e de lhes fazer equivaler as expressões em língua estrangeira, ainda que existam de modo assimétrico. Por exemplo, tal como se pode verificar no Quadro 1, *a esta luz* e *sob esta luz* surgem como duas entradas diferentes, tendo os mesmos equivalentes em inglês e em francês, mas difere em alemão.

Quadro 1 - Exemplo de duplicação de entradas em português

PORTUGUÊS		INGLÊS	FRANCÊS	ALEMÃO
<i>Expressão</i>	<i>Variantes</i>			
<i>a esta luz</i>	<i>sob esta luz</i>	<i>in light of</i>	<i>sous cette lumière</i>	<i>etwas in einem anderen Licht sehen</i>
<i>sob esta luz</i>	<i>a esta luz</i>	<i>in light of</i>	<i>sous cette lumière</i>	<i>aus dieser Licht</i>

È exceção a forma *luze-luze*, cujos sinónimos/variantes não figuram como entrada, uma vez que a maioria são variantes regionais ou corruptelas (i.e. *luz-em-cu; luzecuco; luzencu; luzincu; luzilume; luzecu; luzicu; luzica*).

Optou-se também por não atribuir uma entrada diferente a alguns sinónimos/variantes que não contêm a palavra 'luz', como os seguintes casos:

- (1) *clarão anti-solar*
- (2) *dar/ tirar a lume*
- (3) *luminosidade anti-solar*
- (4) *sair/ vir a lume*
- (5) *vir ao mundo*.

A prossecução deste projeto piloto possibilitou-nos retirar já algumas conclusões. Uma das primeiras relaciona-se com o facto de terem sido encontradas mais expressões com a palavra 'luz' em português do que inicialmente prevíamos: é um termo profícuo que tem capacidade de se expandir de umas áreas para outras e assumir novos sentidos que se fixam na língua.

Vejamos as seguintes ocorrências:

- (6) *ano-luz > estar a anos-luz* de alguma coisa [estar distante de]
- (7) *luz verde* do semáforo > *dar luz verde* a [1. permitir a passagem, o trânsito; 2. autorizar; permitir uma ação]
- (8) *luz verde* do semáforo > *receber/ ter luz verde* [receber permissão]
- (9) *luz vermelha* do semáforo > *dar luz vermelha* [1. vedar a passagem; 2. impedir; 3. proibir].

A variação das expressões coligidas abrange diferentes tipos, tais como singular vs. plural, permissão de uso de diferentes verbos, mantendo-se o sentido, e alteração de artigo e de preposição. Atente-se nos exemplos infra apresentados:

- (10) *a toda a luz/la todas as luzes* [sob todos os aspetos]
- (11) *cerrar/fechar os olhos à luz* [1. morrer; 2. não querer admitir a verdade]

- (12) *dar/sair/vir à luz* [1. parir; 2. publicar]
- (13) *derramar/lançar/projetar luz* [esclarecer]
- (14) *ver al uma luz ao fundo do túnel* [vislumbrar algo de bom].

Em alguns casos, para algumas destas expressões, não foi encontrado qualquer equivalente em língua estrangeira que contivesse as palavras *light/lumière/Licht* ou da família:

- (15) *ver luz no buraco/ver luzir o buraco* [ver nascer o dia]
- (16) *ao luzir do vintém* [com interesse no dinheiro, no lucro].

Relativamente a outras expressões, encontramos equivalentes, alguns parciais, numa ou em duas línguas, mesmo que não contenham a palavra *light/lumière/Licht*:

- (17) *abrir os olhos à luz* [1. nascer; 2. acordar; 3. conhecer a verdade das coisas] > EN *open your eyes* [3.]; FR *ouvrir les yeux (à la lumière)/voir la lumière* [1.; 3.]/*revoir la lumière* [3.]; 4. sair da prisão]; DE *das Licht der Welt erblicken* [1.]
- (18) *cerrar/fechar os olhos à luz* [1. morrer; 2. não querer admitir uma verdade incontestável] > EN *close your eyes to the truth* [2.]; FR *fermer les yeux à la lumière* [1.; 2.]; DE *die Augen schließen* [1.; 2.].

Assim, optámos por incluir também expressões com ou sem *light/lumière/Licht* que mantivessem o sentido original da expressão portuguesa:

- (19) *dar à luz* [1. parir; 2. publicar] > EN *give birth* [1.]; FR *donner le jour à quelqu'un* [1.]/*à quelque chose* [2.]; DE *ein Kind in die Welt setzen/bringen* [1.]
- (20) *ser claro como a luz* [compreender, ser evidente] > EN *as clear as day*; FR *être clair comme le jour*; DE *es ist Sonnenklar/ ganz klar sein*.

Outro aspeto relevante centra-se na polissemia de algumas expressões, o que levantou um obstáculo adicional na procura de todos os equivalentes – daí que raramente se verificasse uma equivalência total do significado das expressões portuguesas com os equivalentes em inglês, francês e alemão. A título ilustrativo, mencione-se *abrir os olhos à luz*, que possui três sentidos diferentes que não se encontram totalmente cobertos pelo equivalente inglês *open your eyes*.

Consideramos ainda fundamental apresentar um conjunto de exemplos que provocam dificuldades de tratamento lexicográfico e didático.

- (21) *luz verde vs. luz vermelha* > EN *green light vs. red light*; FR *feu vert vs. feu rouge*; DE *grünes Licht vs. rotes Licht* – note-se que no equivalente francês a palavra *lumière* não é usada, à semelhança das restantes línguas, mas antes *feu*, seguindo a designação do sistema semiótico do trânsito rodoviário.

- (22) *dar luz verde* > EN *give the green light to*; FR *donner le feu vert*; DE *grünes Licht geben* – este exemplo segue a lógica do anterior, transferindo a significação de *luz verde* para a ideia ativa de permissão.
- (23) *receber/ter luz verde*; EN *get/ have the green light*; FR *recevoir/lavoir le feu vert*; DE *grünes Licht bekommen/haben* – tal como nos exemplos (21) e (22), ocorre uma transferência de sentidos correspondente à permissão no sentido passivo;
- (24) *esconder a luz debaixo do alqueire* [recusar-se a ensinar ou instruir os outros] > EN *hide one's light under a bushel*; FR *mettre/ cacher la lumière/ la lampe sous le boisseau*; DE *sein Licht unter den Scheffel stellen* – neste exemplo, é utilizada uma antiga medida portuguesa, o *alqueire* (unidade de medida de capacidade para secos e líquidos, que varia entre 13 e 22 litros), que obtém correspondência no lexema inglês *bushel*, também uma unidade de medida para líquidos (aprox. entre 35 e 37 litros); da mesma forma, *boisseau* e *Scheffel* indicam uma antiga medida em francês e alemão.
- (25) *ser a luz dos olhos de alguém* [ser uma pessoa importante para alguém] > EN *be the light of one's life*; DE *ein und alles sein* – apesar de as expressões portuguesa e inglesa manterem a palavra *luz* e *light*, aludem a um referente distinto: no português *os olhos* e no inglês *one's life*; por outro lado, o alemão não utiliza a palavra *Licht*, mas uma outra expressão que equivale a *mais que tudo, o mais importante*.

5. Conclusão

Este trabalho enquadra-se teoricamente no âmbito da fraseologia contrastiva (Navarro 2007), uma vez que coloca em paralelo unidades fraseológicas em português e diferentes línguas estrangeiras (alemão, francês e inglês, nesta fase), assim como da fraseodidática (González Rey 2012), visto que o propósito final será a realização de um produto lexicográfico centrado na idiomaticidade com possibilidade de aplicação didática em aulas de línguas materna e estrangeiras.

Neste processo exploratório, considerou-se fundamental explorar as questões dos fraseologismos, particularizando as colocações e as expressões idiomáticas, assim como a importância das metáforas na criação e fixação destas mesmas locuções, a sua força imagética e a não composicionalidade.

No que se refere ao projeto piloto, a base de dados lexicográfica com 110 entradas engloba casos com diferentes sentidos, que podem ou não manter-se nos equivalentes em línguas estrangeiras, com variações de natureza diversa, que levantam dificuldades de tratamento lexicográfico, tal como foi possível demonstrar na análise de exemplos.

Para continuação do projeto, é nossa intenção desenvolver as seguintes fases: etapa 1 – identificar e compreender áreas lexicais que possam ser aplicadas a vários níveis de proficiência linguística, tais como animais, partes do corpo, cores, alimentação, números, tempo cronológico (dias da semana,

meses e estações) e meteorológico, que fazem parte de conteúdos transversais lecionados nas diferentes línguas de trabalho dos nossos alunos; etapa 2 – compilar as expressões que cobrem os tópicos comuns, com o objetivo de serem organizados alfabeticamente, mas prevendo a possibilidade de pesquisa por tópicos; etapa 3 – criar fichas de trabalho, organizadas numa variedade de tipologias de exercícios, quer em suporte de papel, quer com base em recursos na Internet, como agentes facilitadores de interdisciplinaridade entre as diferentes línguas estrangeiras, sempre partindo da língua materna, o nosso enfoque principal.

Referências

- Academia de Ciências de Lisboa (2006), *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Verbo.
- Alonso Ramos, Margarita (1989), «Aproximación a um nuevo modelo lexicográfico: *El Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques de I. Mel'čuk*», *Verba-Anuario Galego de Filoloxía*, 16, 421-450.
- Barata, A. Martins (1989), *Dicionário prático de locuções e expressões peculiares da língua portuguesa – sinonímia e interpretação*, Braga, Livraria A. I.
- Curse, Alan (2000), *Meaning in Language: an Introduction to Semantics and Pragmatics*, Nova Iorque, Oxford University Press.
- Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2007), Lisboa, Temas e Debates.
- Dirven, René; Verspoor, Marjolijn (2004), *Cognitive Exploration of Language and Linguistics*, Amesterdão/ Filadélfia, John Benjamins Publishing.
- González Rey, Maria Isabel (2012), «De la didáctica de la fraseología a la fraseodidáctica», *Paremia*, 21, 67-84. Disponível em: <<http://www.paremia.org/wp-content/uploads/07-GEZREY.pdf>> (consultado a 1 de fevereiro de 2016).
- Haegeman, Liliane; Guéron, Jacqueline (1999), *English Grammar – A Generative Perspective*, Oxford, Blackwell Publishers.
- Hawkes, Terence (1972), *Metaphor*, Londres, Methuen & Co.
- Honeck, Richard; Hoffman, Robert, eds (1980), *Cognition and Figurative Language*, EUA, Lawrence Erlbaum Associates.
- Hudson, Grover (1999), *Essential Introductory Linguistics*, Oxford, Blackwell Publishers.
- Iriarte Sanromán, Álvaro (2001), *A Unidade Lexicográfica: Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*, Braga, Universidade do Minho e Centro de Estudos Humanísticos.
- Kočourek, Rostislav (1991), *La Langue Française de la Technique et de la Science*, Wiesbaden, Oscar Brandtetter.
- Kövecses, Zoltán (1986), *Metaphors of Anger, Pride and Love*, Amesterdão-Filadélfia, John Benjamins Publishing.
- Lakoff, George; Johnson, Mark (1980), *Metaphors we live by*. Chicago-Londres, University of Chicago Press.
- Machado, José Pedro (1996), *O Grande Livro dos Provérbios*, Lisboa, Editorial Notícias.

- Mel'čuk, Igor (1998), «Collocations and Lexical Functions», in Cowie, Anthony, ed., *Phraseology. Theory, Analysis and Applications*, Oxford, Clarendon Press, 23-53.
- Mendes Silva (1993), *Português Língua Viva*, Alfragide, Editorial Teorema.
- Moreira dos Santos, Maria Alice (comp.) (2000), *Dicionário de provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*, Porto, Porto Editora.
- Navarro, Carmen (2007), «Fraseología contrastiva del español y el italiano (análisis de un corpus bilingüe)», *Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, 13. Disponível em: <https://www.um.es/tonosdigital/znum13/secciones/estudios_U_fraseologia.htm> (consultado a 1 de fevereiro de 2016).
- Neves, Orlando (1992), *Dicionário das origens das frases feitas*, Porto, Lello & Irmão Editores.
- Neves, Orlando (1998), *Dicionário de expressões correntes*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Nogueira Santos, António (1990), *Novos dicionários de expressões idiomáticas-português*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- Ramalho, Énio (1999), *Novo Dicionário Lello estrutural, estilístico e sintático da língua portuguesa*, Porto, Lello & Irmão Editores.
- Simões, Guilherme Augusto (1993), *Dicionário de expressões populares portuguesas – arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares-comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Wierzbicka, Anna (1985), *Lexicography and Conceptual Analysis*, Ann Arbor, MI, Karoma Publishers.
- Wright, Sue Ellen; Budin Gerhard, ed. (2001), *Handbook of Terminology Management*, vol. 2, Amesterdão/ Filadélfia, John Benjamins Publishing.
- Zgusta, Ladislav *et al.* (1971), *Manual of Lexicography*, Haia-Paris, Mouton de Gruyter.

Fontes sitográficas

- CETEMPúblico*: <<http://www.linguateca.pt/cetempublico/>> (consultado a 1 de fevereiro de 2016).
- Infopedia (Porto Editora)*: <<http://infopedia.pt>> (consultado a 1 de fevereiro de 2016).
- Instituto Camões. Tecnologias da Língua*: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/area-traduzir>> (consultado a 1 de fevereiro de 2016).